



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

Um novo estudo sobre Tchernychévski por Camilo Domingues

A new study on Chernyshevsky by Camilo Domingues

Autor: Rafael Bonavina
Universidade de São Paulo
São Paulo, São Paulo, Brasil
Edição: RUS, Vol. 16. Nº 29
Publicação: Novembro de 2025
Recebido em: 08/07/2025
Aceito em: 25/10/2025

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2025.238968>

BONAVINA, Rafael.

Um novo estudo sobre Tchernychévski por Camilo Domingues.
RUS, São Paulo, v. 16, n. 29, pp. 364-373, 2025



Um novo estudo sobre Tchernychévski por Camilo Domingues

Rafael Bonavina*

Resumo: O presente trabalho de divulgação científica busca apresentar ao público o livro publicado recentemente *“O que fazer?”*, de N. Tchernychévski: a história do romance e de seu gênero literário, fruto da pesquisa de doutoramento de Camilo Domingues.

Abstract: The present work of scientific divulgation aims presenting to the public the recently published book *“O que fazer?”*, de N. Tchernychévski: a história do romance e de seu gênero literário, which originates from the Ph.D. thesis by Camilo Domingues.

Palavras-chave: Resenha; Divulgação científica; Nikolai Tchernychévski; O que fazer?

Keywords: Review; Scientific divulgation; Nikolay Chernyshevsky; What is to be done?

* Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), graduação em Letras (Português e Russo) com intercâmbio na Universidade Estatal de Moscou (MGU). Mestre em Literatura Brasileira; e doutorando do Programa de Pós Graduação LETRA - USP. <http://lattes.cnpq.br/2662388651397242>; <https://orcid.org/0000-0002-9669-7708>; rafaelbonavina@gmail

Fato inédito, este ano foi lançado no Brasil um livro inteiro dedicado ao intelectual russo Nikolai Tchernychévski, cuja importância para o pensamento russo dos séculos XIX e XX é imensa. Por isso, é preciso dar atenção ao longo estudo de Camilo Domingues, intitulado *“O que fazer?”, de N. Tchernychévski: a história do romance e de seu gênero literário*. O livro é fruto de uma pesquisa desenvolvida durante quase uma década e que culminou na tese de doutoramento de Domingues, feita sob orientação de Daniel Aarão Reis, nome fundamental para a russística brasileira.

Essa nova publicação, no entanto, não deve ser considerada uma reedição simples da tese de doutorado,¹ e sim uma revisão profunda do original. Isso fica evidente já pela comparação do número de páginas: a tese tem cerca de setecentas páginas; a nova edição, pouco mais de quatrocentas. Há que se levar em conta também a variação no formato dos dois materiais. A tese, como é costume nas universidades, fora editada em folhas A4 (21x29,7cm), e a nova versão possui medidas bem menores (15x23,3cm), por isso podemos afirmar que mesmo o número não é representativo. Diante disso fica evidente que se trata de uma condensação bastante significativa, além de uma adaptação formal para que a publicação desse material em livro fosse mais palatável para seu novo gênero textual.

1 Domingues, 2020.

Antes de seguirmos adiante com a discussão do estudo de Domingues, nos parece produtivo começar por uma breve síntese do romance, considerando que o público brasileiro não está tão familiarizado com esse romance. Por exemplo, a última edição de *O que fazer?* já não está mais nas estantes das livrarias e mesmo em sebos é difícil de ser encontrada.

O romance apresenta a história de Vera Pávlovna, uma jovem que começa sua jornada libertando-se do ambiente patriarcal da casa dos pais por meio de um casamento falso com Lopúkhov. Logo se estabelece uma espécie de triângulo amoroso entre Vera, Lopúkhov e seu amigo Kirsánov, mas não chega a haver uma disputa de fato – como há em *Evguêni Oneguín*, por exemplo –, pois o casamento de Vera não era baseado, de fato, em amor ou interesse financeiro. Lopúkhov casara-se com Vera a fim de libertá-la da opressão dos pais e, posteriormente, fingirá sua morte para torná-la livre até desta amarra. A partir desse casamento, Vera começa a encarnar, em alguma medida, o ideal de mulher progressista de Nikolai Tchernychévski, tanto em seus posicionamentos políticos quanto interpessoais. No campo profissional, ela consegue organizar uma comuna de trabalho em que os ganhos são divididos entre todos os participantes, o que cria uma representação do que seria uma sociedade socialista, e esse é considerado, muitas vezes, o ponto mais importante desse romance.

Embora relativamente simples em sua trama, a importância desta obra ultrapassou os limites da literatura e atingiu toda uma geração. Há diversos relatos de casamentos falsos, comunidades livres de trabalhadores que duraram por mais ou menos tempo, e até mesmo de pessoas que tentaram imitar a rigidez revolucionária de Rakhmiétov, personagem tão idealizado que chega ao ponto de parecer inumano.

Como Domingues aponta, assim que o romance *O que fazer?* foi lançado, quase que imediatamente se tornou motivo de debate dentro da própria intelectualidade russa. O que em parte aconteceu justamente por essa representação do microcosmo socialista, que dava materialidade, ainda que estética, aos ideais de muitas pessoas da época.

O que fazer, de N. Tchernychévski: a história do romance e de seu gênero literário pode ser dividido em três partes: uma introdução, uma série de estudos comparativos e uma conclusão. Vale ressaltar que a segunda ocupa a maior parte do trabalho, contando com cerca de trezentas páginas.

Na primeira, Domingues faz uma introdução aos principais temas que o livro aborda, como o conceito de intelligentsia russa, as discussões filosóficas da época, as diferentes dimensões de *O que fazer* e sua história. Ao nosso ver, o pesquisador acerta em criar uma base para seu leitor, que, talvez, não esteja familiarizado com a complexidade dos assuntos abordados e, portanto, precise de um aporte teórico mais sólido para acompanhar o restante da discussão.

A segunda parte abrange os capítulos: “Jean-Jacques Rousseau e *Julie ou a nova Heloise*”, “George Sand e *Jacques*”, “Charles Dickens e *Tempos difíceis*”, “Aleksandr Herzen e *Quem é o culpado?*” e “Ivan Turguênev e *Pais e filhos*”. Cada um desses capítulos pode ser subdividido em duas seções, sendo a primeira uma explicação sobre o romance em si e seu autor; em seguida, é feita uma comparação de cada um desses livros com *O que fazer?*, de Nikolai Tchernychévski. Por um lado, essa metodologia nos dá diversos olhares e nuances dos personagens do romance tchernychevskiano; por outro, há um espaço bastante considerável dedicado à síntese dos romances abordados, o que pode tornar a leitura menos interessante em alguns pontos para os leitores que já familiarizados com alguma das obras citadas. Ainda assim, nota-se a preocupação em tornar o texto mais acessível a um público mais abrangente, o que também se percebe na tradução de termos estrangeiros em seu Glossário, do qual falaremos adiante.

Já na terceira parte do seu livro, Domingues passa às suas considerações a respeito do gênero romance e de uma possível tipologia de *O que fazer?* Essa é a seção em que o pesquisador busca sintetizar as suas considerações e apresentá-las de maneira condensada. Por essa razão, há uma certa independência desse capítulo em relação aos demais, o que não significa que os demais possam ser ignorados, afinal é preciso

compreender o percurso trilhado pelo estudioso até chegar às suas conclusões.

Além dessas três partes apontadas, o livro conta com alguns paratextos muito úteis para os futuros pesquisadores. O primeiro deles é a “Tabela de transliteração Russo-Português”, um material que, a princípio, pode parecer bastante prosaico, mas que esconde um importante dado: a filiação de Domingues à tradição brasileira de estudos russos. Não é segredo que a transliteração causa debates acalorados entre russistas, praticamente todos os estudantes desse idioma já discutiram o tema.

Apenas como efeito de ilustração dessa questão, tomemos a letra Ж, cujo som é parecido com a primeira consoante de “jogo”. Como a língua portuguesa possui esse fonema, nos parece bastante compreensível que se use a letra “j” para a transliteração. No entanto, muitos idiomas não possuem esse fonema, e adensam ainda mais o problema os casos em que a letra indica outro fonema, como em inglês ou em espanhol. Nesses dois idiomas, a transliteração é feita com “zh”, daí termos *Doctor Zhivago*, em inglês, ou *El doctor Zhivago*, em espanhol; enquanto a tradução lusófona mais comum para esse famoso romance de Boris Pasternak é *Doutor Jivago*. Ainda assim, alguns tradutores preferem seguir a norma do inglês, por vezes buscando uma forma mais internacionalizada em detrimento das especificidades locais.

Camilo Domingues segue o caminho, a nosso ver, mais acertado, pois baseia sua transliteração nas especificidades de nossa língua. Segundo o pesquisador, sua transliteração se baseia no que ele chama de modelo da USP, porém é preciso lembrar que dentro desta universidade coexistem diversas propostas, inclusive algumas que se apresentam como contrapontos ou aprimoramentos do modelo considerado tradicional.² Em um cotejo com alguns desses modelos, podemos

² Um bom exemplo é a interessante discussão proposta pelo professor Angelo Segrillo, do Curso de História da Universidade de São Paulo, nos paratextos da sua tradução do romance de Tchernykhévski (2015). Entre as críticas apontadas pelo pesquisador, uma delas é a “destransliteração”, ou seja, quando se tem uma palavra em russo vertida para o português e que depois precisa voltar para o alfabeto original. Para ele, a tabela do Curso de Russo causa erros nesse processo e por isso precisaria ser revista. Apesar de concordarmos com a pertinência da discussão acerca da transliteração, a tabela proposta parece

averiguar que Domingues se refere especificamente à tabela de transliteração pensada coletivamente por diversos professores e alunos do Curso de Russo da USP,³ o que se nota pela semelhança em algumas particularidades.

Já o segundo paratexto, que mencionamos anteriormente, é um glossário de termos de difícil tradução, como *Gubiérnskie Ótcherki*. Essa lista talvez seja de maior interesse para os estudiosos da cultura russa que dominam o idioma original, pois ela demonstra as diversas opções tradutológicas feitas por Domingues e que podem servir de material para uma eventual pesquisa de Estudos da Tradução. Em meio às entradas do russo encontram-se algumas vindas de idiomas ocidentais, como o francês e o inglês; uma prática pouco usual que, no entanto, nos pareceu bastante acertada. Muitas vezes considera-se que esses idiomas, por serem “mais comuns”, não precisariam de tradução. Essa perspectiva, porém, afasta uma parcela significativa de leitores que não dominam idiomas estrangeiros com tanta desenvoltura. Nesse sentido, parece-nos que Domingues acerta em tentar tornar seu texto mais acessível.

Por fim, o terceiro elemento paratextual que não poderíamos deixar de mencionar é a seção de referências bibliográficas. De um ponto de vista acadêmico, essa parte traz dezenas de títulos muito úteis para quem busca compreender melhor as questões políticas e literárias da Rússia oitocentista, especialmente o debate extremamente complexo que alguns intelectuais russos travavam entre si. O percurso de leituras escolhido por Domingues nos pareceu muito acertado, na medida em que evita a atraente armadilha de privilegiar o debate internacional em detrimento da produção local; para o que o

não resolver esse problema. Como exemplo, as transliterações de ы (y) e я (ya) coincidem e, portanto, causam erros na “destransliteração”; também nos parece pouco prático o uso de ‘ e ” para marcar graficamente os sinais brando e duro, pois as palavras saltam aos olhos do leitor brasileiro, como “объяснить”, que viria grafada com aspas duplas no meio e mais uma simples ao final. Ainda assim, o ensaio de Segrillo nos mostra que o debate acerca da transliteração continua vivo e mobilizando intelectuais para pensar sobre esse tema.

3 Até recentemente, era preciso encontrar essa tabela em alguns dos livros editados pelo Departamento de Letras Orientais (Cavaliere; Gomide; Vássina; Silva, 2008), ou em traduções de russistas desse grupo (Meletínski, 2015, p. 10); porém agora ela está disponível no site da RUS – Revista de Literatura e Cultura Russa e pode ser encontrada por meio do link: <https://revistas.usp.br/rus/transliteracao>.

pesquisador mobiliza muitos dos principais nomes brasileiros ligados ao seu tema, como Sonia Branco e Giuliana Almeida.⁴

Além das questões já abordadas, a publicação de “O que fazer?”, de N. Tchernychévski: *a história do romance e de seu gênero literário* contribui com o preenchimento de uma lacuna bastante significativa em nossa literatura acadêmica acerca das discussões internas da intelligentsia russa. Em geral, esse grupo é tratado de maneira homogênea, monolítica, e contrastada a outros grupos, tidos por conservadores. Domingues expõe as contradições e disputas dentro da própria intelligentsia e o faz de maneira bastante minuciosa, recriando o debate, tanto político quanto literário, acerca de *O que fazer?*. Para isso, o pesquisador mobiliza diversos pontos de vista, expressos em periódicos de linhas editoriais diferentes, e mesmo o debate entre importantes intelectuais do momento, colocando o leitor diante de uma constelação de opiniões a respeito do autor e de seu romance.

Esse traço didático do trabalho merece ser destacado, pois faz com que o livro não se dirija a um leitor extremamente especializado – o que, aliás, restringiria seu alcance a um público bastante restrito no Brasil –, ao contrário, ele atrai os interessados para esse complexo e instigante tema, oferecendo-lhes informações desde as bastante iniciais até as mais especializadas. Com isso, o livro contribui com o debate nacional, ajudando a construir um público leitor especializado no Brasil, sem partir do pressuposto de que ele já existe.

Por outra perspectiva, a didática de Domingues pode ser vista como uma faca de dois gumes, pois também acaba por incorrer em certos excessos. O primeiro é uma certa repetição de informações ao longo do livro, que poderia ter sido atenuada, ainda que se corresse o risco de um esquecimento por parte do

⁴ Apesar dessa evidente preocupação em mobilizar a fortuna crítica local, sentimos falta da incorporação de mais artigos e ensaios publicados em revistas acadêmicas do Brasil, como Sabino, 2020, ou mesmo Galounis, 2020. Há algumas referências desse tipo, mas são bem menos numerosas do que as de revistas estrangeiras.

leitor. Nessa mesma linha, como dissemos anteriormente, um espaço significativo do livro é dedicado à explicação da trama das obras utilizadas como parâmetro de comparação.

Uma crítica que poderia ser feita ao estudo de Domingues estaria mais relacionada à difícil tarefa de se analisar esteticamente o romance de Tchernychévski, e que não é o principal foco do estudo, diga-se de passagem. Muitos críticos literários já apontaram a relativa falta de literariedade de *O que fazer?*, e, a nosso ver, esse romance certamente não é a obra mais lapidada de toda a literatura russa do século XIX. Isso não impede, de maneira alguma, que ele seja muito interessante de um ponto de vista acadêmico, como de fato o é. Porém, como que prevendo essa crítica, o pesquisador nos adianta sua resposta:

Compreender *O que Fazer?* a partir do seu pertencimento ao gênero do romance político-filosófico é a via pela qual se pode captar e aproveitar as contribuições do autor tanto no terreno literário, quanto filosófico e social, evitando a armadilha de uma avaliação estritamente estética do romance.⁵

A solução proposta para esse impasse, então, é que o romance seja analisado a partir do seu subgênero literário, ou seja, do seu diálogo com outras obras desse tipo, em especial *Julie, ou a nova Héloïse*, de Rousseau. De fato, essa abordagem permite que o romance de Tchernychévski seja compreendido em detrimento de suas muitas limitações estéticas, e o estudo de Domingues busca justamente nas discussões políticas, polêmicas internas do sistema literário russo do XIX e até na repercussão da fortuna crítica por elementos que nos ajudem a entender a importância dessa obra para a história da literatura russa.

Nesse sentido, seria interessante que Domingues tivesse feito uma abordagem sistemática de *Vera, ou os nihilistas* (*Vera or the nihilists*), de Oscar Wilde, escrita à luz de *O que fazer?*. A peça, claro, não fez parte da tradição literária a que Tchernychévski se filia, afinal é posterior à publicação de seu romance, mas há um evidente diálogo entre as duas. Dada a sua proximidade com o pensamento desse intelectual russo,

⁵ Domingues, 2024, p. 41.

certamente Domingues teria muito a contribuir com esse debate. Um paralelo que, talvez, tenha sido guardado para outra ocasião.

Por fim, ressaltamos mais uma vez a importância de um estudo detido de *O que fazer?*, de Tchernychévski, romance relativamente pouco comentado no Brasil, apesar de sua imensa importância histórica. A título de exemplo, basta lembrar que diversos autores, como Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski em *Notas do subsolo*, propõem um debate estético e político com essa obra tchernychevskiana. Nesse sentido, a pesquisa de Domingues é uma contribuição muito útil para a russística brasileira, pois apresenta aos pesquisadores da literatura russa da segunda metade do século XIX um bom aporte teórico acerca desse romance fundamental e do debate intelectual a que deu origem.

Referências bibliográficas

DOMINGUES, Camilo. “O que fazer?”, de N. Tchernychévski: a história do romance e de seu gênero literário. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024. Disponível em: <https://7letras.com.br/livro/o-que-fazer-de-n-tchernychevski/>. Acesso em 13/06/2025.

DOMINGUES, Camilo José Teixeira Lima. *O Que Fazer?, de N. Tchernychévski: a história do romance e do gênero*. 2020. 721 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2020. Disponível em: https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=9903573. Acesso em: 29 out. 2025.

GALOUNIS, Markos. Sobre as fontes de niilismo em “Crime e Castigo” de Dostoiévski. *RUS (São Paulo)*, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 16, p. 237–257, 2020. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.172012. Acesso em: 13 jun. 2025.

MELETÍNSKI, Eleazar. *Os arquétipos literários*. Tradução de

Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade, Arlete Cavaliere. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.

SABINO, Paulo Cesar Jakimiu. Tchernichévski: entre o Determinismo e a Revolução. *RUS (São Paulo)*, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 16, p. 258–281, 2020. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.169969. Acesso em: 13 jun. 2025.

TCHERNYCHÉVSKI, Nikolai. *O que fazer?*. Tradução de Angelo Segrillo. São Paulo: Prismas, 2015.